

CANCRO DO COLO DE ÚTERO

Pesquisa despertada por uma reportagem

Notícias, Ciência e Tecnologia, 09.05.2018
Pág 30, ed 30.355

A EXIBIÇÃO num passado não distante de uma reportagem sobre o cancro do colo de útero, pela Televisão de Moçambique (TVM), foi motivo para inspirar Salipe Nhaca, professor da Escola Comercial da KaTembe, a desenvolver uma pesquisa sobre os malefícios desta patologia evitável, quando detectada precocemente, mas que, segundo estatísticas, é uma das grandes causas de morte em mulheres no mundo, no geral, e no país, particularmente.

Os primeiros passos rumo a esta aventura científica tiveram início de forma desinteressada, tendo como grupo-alvo as alunas do pesquisador. As primeiras questões foram sobre o nível de entendimento em relação a doença e formas de prevenção.

Insatisfeito pelo nível de respostas obtidas, quer nas adolescentes, quer nas jovens, o nosso entrevistado decidiu abraçar este assunto com algu-

ma seriedade, já como trabalho de dissertação para a obtenção do grau de mestrado em Estatística, defendido em Agosto de 2017 na Universidade Pedagógica, em Maputo.

Outra razão que impulsionou Nhaca foi o facto de ter sido solicitado a doar sangue para a reposição, depois de a mãe de um amigo ter sido submetida a uma intervenção cirúrgica por causa de um tumor cancerígeno.

Conduziu o seu trabalho na perspectiva de mudança de comportamento da mulher sob ponto de vista de prevenção e, segundo disse, é onde reside o seu contributo.

“As adolescentes, sobretudo, devem perceber do perigo que esta doença representa e, por causa disso, primarem por um comportamento sexual responsável, evitando o início precoce das relações sexuais, porque, caso contrário, na fase mais adulta poderão pagar um preço elevado por algo que podia ter sido evitado”, exemplificou.



U. Matula

Salipe Nhaca escolheu o cancro do colo do útero para a sua dissertação

O que apontam as estatísticas

SEGUNDO dados apresentados por Salipe Nhaca, o cancro do colo do útero é a neoplasia maligna mais frequente do aparelho genital feminino e a segunda neoplasia maligna mais frequente na mulher em todo o mundo, sendo responsável por elevadas taxas de morbilidade e mortalidade.

Estima-se que em cada ano 440 mil novos casos da doença são diagnosticados, dos quais 200 mil resultam em mortes, onde cerca de 80 por cento ocorrem nos países em desenvolvimento (Parkin et. al, 1993).

As variáveis de risco clássicas para o cancro do colo do útero são essencialmente atribuídas à infecção genital por HPV (o Vírus Papiloma Humano), sendo mais importante o número de

parceiros sexuais e a idade precoce do primeiro coito.

Estimativas indicam que a cada ano são esperadas, em todo o mundo, cerca de 273.000 mortes por cancro do colo uterino, sendo que um quarto destas ocorre nos países em desenvolvimento. Em África os níveis de mortalidade são altos, porque, no geral, quando a mulher recorre aos serviços de saúde já é demasiado tarde.

Moçambique situa-se entre os países com elevada incidência de cancro do colo do útero. Os poucos estudos realizados na década 60 apontam para uma incidência de 18,5 a 40 mil mulheres africanas, sendo de longe a neoplasia maligna mais frequente da mulher adulta (Prates, 1961).

Insatisfeito pelo nível de respostas obtidas, quer nas adolescentes, quer nas jovens, o nosso entrevistado decidiu abraçar este assunto com algu-

coce das relações sexuais, porque, caso contrário, na fase mais adulta poderão pagar um preço elevado por algo que podia ter sido evitado”, exemplificou.

mento (Parkin et. al, 1993). As variáveis de risco clássicas para o cancro do colo do útero são essencialmente atribuídas à infecção genital por HPV (o Vírus Papiloma Humano), sendo mais importante o número de

elevada incidência de cancro do colo do útero. Os poucos estudos realizados na década 60 apontam para uma incidência de 18,5 a 40 mil mulheres africanas, sendo de longe a neoplasia maligna mais frequente da mulher adulta (Prates, 1961).

Cancro vs início da actividade sexual e número de filhos

PARA efectivação do estudo foram seleccionadas aleatoriamente 462 fichas de registo para rastreio dos cancros do colo uterino e da mama, onde foram analisadas as variáveis relacionadas com o cancro do colo do útero, com intervalo de confiança de 95 por cento, erro de estimação de 0,03, proporção 0,23.

A fonte explica que existe uma relação entre “sangramento vaginal” e o “número de filhos”. Para as mulheres com sangramento vaginal normal, independentemente do número de filhos, os resultados apontam para menores riscos de contração do cancro, comparativamente às mulheres com sangramento vaginal anormal. Contudo, os riscos de contrair a doença, para qualquer tipo de sangramento vaginal, podem aumentar em função do aumento do número de filhos.

O efeito da variável “Idade da Primeira Relação Sexual (IPRS)” constitui um factor de protecção, isto é, o risco de ter cancro diminui com o aumento da idade da primeira relação, quando a IPRS aumenta para quaisquer que sejam os valores das outras variáveis.

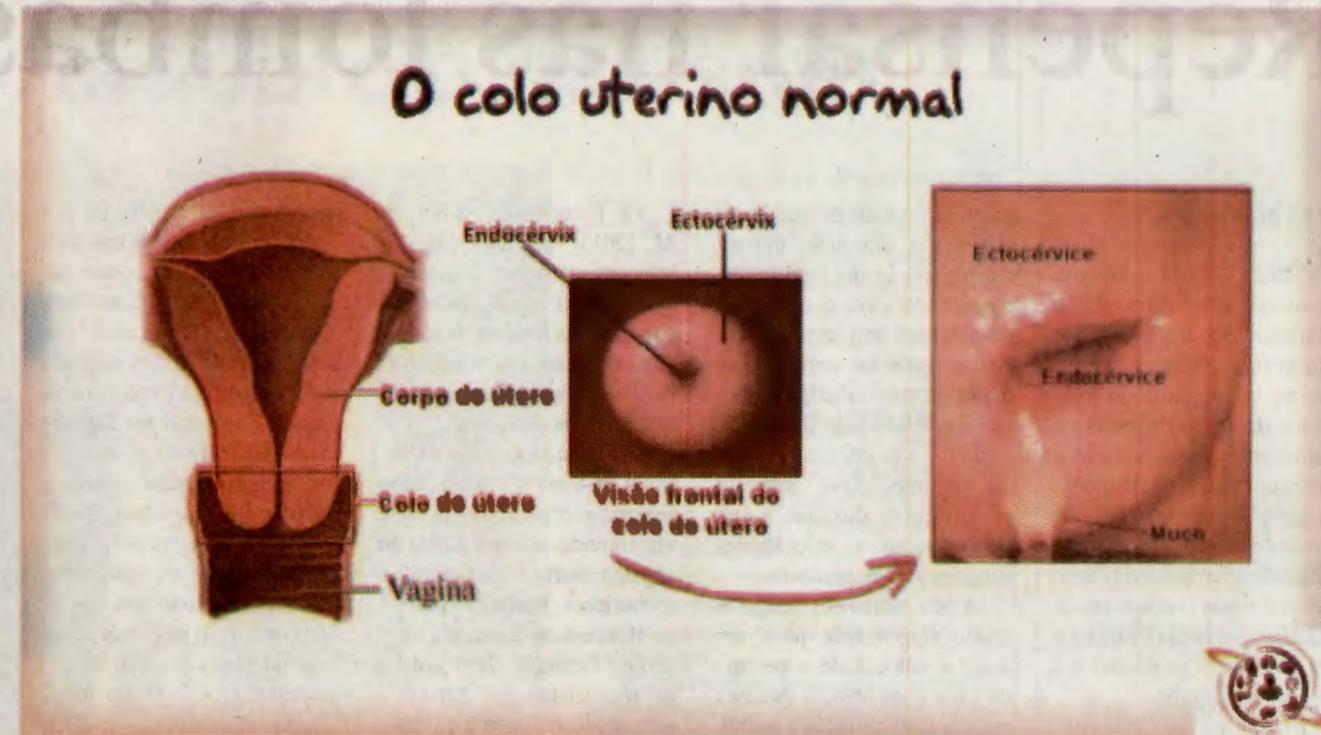
Relativamente ao planeamento familiar, para pacientes que utilizaram outros métodos (diferentes do preservativo), os resultados da pesquisa mostram que o risco de contrair cancro é menor em relação as que não optaram por algum método de planeamento familiar.

O cancro do colo do útero é a neoplasia maligna mais frequente do aparelho genital feminino que pode ser preve-

nida, uma vez que este tumor tem uma progressão relativamente lenta.

O seu perfil epidemiológico é de uma doença relacionada à actividade sexual, etiológicamente ligada a um agente sexualmente transmissível, o Papiloma Vírus Humano (Bosch et. al, 1995).

Assim, segundo o nosso interlocutor, a sensibilização para a prevenção devia acontecer com uma grande incidência no grupo da população de adolescentes, principalmente nas escolas, pois, “pelo que pude constatar, há mais regularidade de sensibilização em consultas pré-natais com pessoas mais crescidas, algumas das quais, provavelmente, já com problemas de saúde.



Uma doença mortífera, mas curável, detectada precocemente



Abordar o cancro com as adolescentes é fundamental